



INFLUÊNCIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO NO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL*

Maria Regina Martinazzo

UNOCHAPECÓ

Lucas Antônio Vargas**

UNOCHAPECÓ

Cleunice Zanella

UNOCHAPECÓ

Claudio Jacoski

UNOCHAPECÓ

Rodrigo Barichello

UNOCHAPECÓ

RESUMO

Estudos reconhecem que a internacionalização, pode ser vista como um fator chave para a competitividade industrial e crescimento econômico na era da globalização. O objetivo do estudo é verificar como a internacionalização das empresas brasileiras influencia na adesão ao índice de sustentabilidade empresarial no período de 2010 a 2018. Realizou-se uma pesquisa descritiva, documental e quantitativa. Os dados foram obtidos no website da B3, no site da Fundação Dom Cabral e no banco de dados Economatica®. As análises foram feitas com o auxílio da técnica de regressão logística. Os resultados evidenciam que as empresas com maiores níveis de internacionalização, detêm maior probabilidade de adesão a carteira ISE de sustentabilidade empresarial. As variáveis de controle utilizadas no estudo, rentabilidade dos ativos, tamanho das empresas, ebitda e lucro por ação, não apresentaram significância no modelo proposto. As empresas transnacionais, ao aderirem a práticas sustentáveis, podem distinguir-se das demais, incrementando sua força tecnológica e inovadora, bem como, sua competitividade frente ao mercado global. Neste cenário, os *stakeholders* tanto nacionais, quanto internacionais, possuem papel fundamental no que tange sua relação com o desempenho econômico, ambiental e social das organizações, corroborando a internacionalização.

Palavras-chave: Sustentabilidade empresarial; Internacionalização; Empresas brasileiras.

* Artigo aceito no fast-track do 4º Congresso de Gestão e Controladoria da Unochapecó 2º Congresso FURB de Ciências Contábeis International Conference in Management and Accounting 4º Congresso de Iniciação Científica.

** Autor para correspondência / Author for correspondence / Autor para la correspondencia:

Lucas Antônio Vargas - lucasvargas@unochapeco.edu.br

Data do recebimento do artigo (received): 12/12/2019

Data do aceite de publicação (accepted): 27/02/2020

Desk Review

Double BlindReview

INFLUENCE OF INTERNATIONALIZATION ON THE CORPORATE SUSTAINABILITY INDEX

ABSTRACT

Studies recognize that internationalization can be seen as a key factor for industrial competitiveness and economic growth in the age of globalization. The objective of the study is to verify how the internationalization of Brazilian companies influences the adherence to the corporate sustainability index from 2010 to 2018. A descriptive, documentary and quantitative research was carried out. Data were obtained from the B3 website, the Dom Cabral Foundation website and the Economatica® database. The analyzes were made with the aid of the logistic regression technique. The results show that companies with higher levels of internationalization are more likely to adhere to the ISE portfolio of corporate sustainability. The control variables used in the study, return on assets, company size, EBITDA and earnings per share, were not significant in the proposed model. Transnational corporations, by adhering to sustainable practices, can distinguish themselves from others, increasing their technological and innovative strength, as well as their competitiveness in the global market. In this scenario, both national and international stakeholders play a fundamental role regarding their relationship with the economic, environmental and social performance of organizations, corroborating internationalization.

Keywords: Corporate sustainability; Internationalization; Corporate Brazilian.

INFLUENCIA DE LA INTERNACIONALIZACIÓN EN EL ÍNDICE DE SOSTENIBILIDAD EMPRESARIAL

RESUMEN

Los estudios reconocen que la internacionalización puede verse como un factor clave para la competitividad industrial y el crecimiento económico en la era de la globalización. El objetivo de este estudio es verificar cómo la internacionalización de las empresas brasileñas influye en la adhesión al índice de sostenibilidad corporativa de 2010 a 2018. Se realizó una investigación descriptiva, documental y cuantitativa. Los datos se obtuvieron del sitio web B3, el sitio web de la Fundación Dom Cabral y la base de datos Economatica®. Los análisis se realizaron con la ayuda de la técnica de regresión logística. Los resultados muestran que las empresas con niveles más altos de internacionalización tienen más probabilidades de adherirse a la cartera ISE de sostenibilidad corporativa. Las variables de control utilizadas en el estudio, el rendimiento de los activos, el tamaño de la empresa, el EBITDA y las ganancias por acción, no fueron significativas en el modelo propuesto. Las corporaciones transnacionales, al adherirse a prácticas sostenibles, pueden distinguirse de otras, aumentando su fuerza tecnológica e innovadora, así como su competitividad en el mercado global. En este escenario, las partes interesadas nacionales e internacionales juegan un papel fundamental en relación con el

desempeño económico, ambiental y social de las organizaciones, corroborando la internacionalización.

Palabras clave: Sostenibilidad corporativa; Internacionalización; Empresas brasileñas.

1 INTROUÇÃO

Com a necessidade de tornarem-se mais competitivas, as empresas precisam recorrer a estratégias de gestão, que incluam processos de internacionalização, haja vista, as rápidas e contínuas mudanças de um mercado incerto. Nesse contexto, a fim de adaptar-se as exigências do mercado em relação ao volume de vendas e novos produtos, as organizações passam por reestruturações para atender diferentes clientes em diferentes países (Souza, Passos & Portugal, 2017).

Ademais, a internacionalização permite também que as empresas sejam capazes de adquirir maior facilidade de acesso a novas tecnologias e matérias-primas, o que promove ganhos significativos no seu desempenho. Ressalta-se que a internacionalização ocorre por meio de processos complexos e contínuos que englobam diferentes culturas em diferentes contextos (Luo & Zheng, 2018).

Por meio da globalização, as empresas tornam-se competitivas à medida que se aproximam de novos mercados. Essa aproximação, determina novas direções tanto para o futuro do planeta, quanto para o futuro das empresas, pois, ambas estão diretamente relacionadas e fazem parte de diversas dimensões, quais sejam: econômica, ambiental, social, cultural, entre outros (Souza, Passos & Portugal, 2017).

Por outro lado, o acesso imediato a mercados globais pode acarretar restrições relacionadas a capacidade de absorção da expansão (Jain, Celo & Kumar, 2019). Neste processo, as empresas necessitam adequar-se as diferentes legalidades locais, bem como planejar estratégias de gestão que se aproximam da sustentabilidade (Chen, Ong & Hsu, 2016).

O desenvolvimento econômico, social e ambiental das organizações corrobora com os objetivos de crescimento de um país, em que as estratégias voltadas para a responsabilidade social impactam na visão dos *stakeholders*. Desta forma, as grandes empresas procuram adequar suas ações para melhorar seu desempenho social e ambiental frente as novas demandas internacionais (Cruz, Gaspar & Brito, 2019). O desempenho sustentável das empresas e os impactos ambientais causados pelas companhias, mostram-se fatores inclusos na discussão da internacionalização (Chen, Ong & Hsu, 2016).

Neste cenário, a busca por um desempenho sustentável figura-se como estratégia de longo prazo, a medida em que a alocação de recursos deverá ocorrer de forma

eficiente, influenciando no comprometimento das organizações com os princípios de sustentabilidade. Para que os investidores consigam identificar as empresas com melhores indicadores de gestão socioambiental, existem métodos que quantificam e determinam as companhias com melhores índices de desempenho da sustentabilidade (Masullo & Lemme, 2009).

Os índices que mensuram a sustentabilidade empresarial são avaliados por diversas métricas inclusas nas bolsas de valores mundiais. Ressalta-se o índice *Dow Jones Sustainability Index* (DJSI), dos Estados Unidos, o FTSE4 *Good* em Londres, o JSE em Joanesburgo, na África do Sul, e no Brasil, tem-se o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), um indicador da B3. Estes índices seguem a proposta de Elkington (2001), que incorporam o *triple bottom line* (Guimarães, Peixoto & Carvalho, 2017).

Verifica-se na literatura que vários são os autores que abordam sobre e temática internacionalização, porém, em sua maioria, versam sobre como a internacionalização influencia no desempenho econômico-financeiro das empresas (Ramamurti, 2012; Cuervo-Cazurra, 2012). Os estudos coadunam com a perspectiva de que quanto mais internacionalizadas as empresas forem, melhor será seu desempenho econômico-financeiro. Em contrapartida, estudos como (Geringer, Beamish & Dacosta, 1989; Gomes & Ramaswamy, 1999; Contrator, Kundu & Hsu, 2003; Ruigrok & Wagner, 2003; Gaur & Kumar, 2009), identificam resultados negativos no desempenho das empresas frente a maior internacionalização.

Frente as divergências encontradas, verifica-se a importância da internacionalização para o desempenho econômico-financeiro e a necessidade de analisar, se as empresas que possuem adesão ao índice de sustentabilidade empresarial, são empresas que possuem maior nível de internacionalização, haja vista, que a sustentabilidade empresarial, se adequa ao *triple bottom line*, em que as esferas ambiental e social possuem caráter decisivo no desempenho econômico-financeiro (Elkington, 2001).

Corroborando, Masullo e Lemme (2009), analisaram empresas brasileiras de capital aberto no período de 2003 e 2004, buscando obter evidências de que as empresas com maiores níveis de internacionalização seriam aquelas com maior divulgação de informações ambientais. Os achados do estudo, indicam que há existência de relação entre o nível de internacionalização das empresas e a divulgação de informações ambientais das

companhias de capital aberto do Brasil. Tais resultados, preconizam a preocupação das empresas em tornar a sustentabilidade uma estratégia de gestão, haja vista, a crescente globalização e sua relação com os diversos *stakeholders*.

Diante ao exposto, surge a seguinte questão de pesquisa: como a internacionalização das empresas é determinante para a adesão ao índice de sustentabilidade empresarial das companhias abertas brasileiras? Desta forma, o objetivo do estudo é verificar se a internacionalização das empresas se apresenta como fator determinante para a adesão ao índice de sustentabilidade empresarial das companhias abertas brasileiras.

Este estudo justifica-se por evidenciar se a internacionalização se apresenta como fator determinante para a adesão ao ISE. Esta discussão está cada vez mais presente no meio acadêmico e nas organizações, porém, não se tem respostas conclusivas quanto ao entendimento dos fatores que levam as empresas a adotarem uma postura estratégica que reflete maior consciência acerca da sustentabilidade em seus aspectos pertinentes ao *triple bottom line*.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, apresenta-se o referencial teórico que deu suporte para a discussão dos resultados acerca da sustentabilidade empresarial e a internacionalização das empresas brasileiras.

2.1 Sustentabilidade empresarial

Hoje, a sustentabilidade empresarial é uma vantagem competitiva no presente e no longo prazo, pois busca a satisfação das necessidades das organizações sem comprometer as necessidades das gerações futuras, abrangendo, os fatores econômicos, sociais e ambientais (Castro, 2017).

A discussão acerca da sustentabilidade tem ganhado relevância e não é diferente no âmbito do mercado de capitais. Porém, este tipo de investimento encoraja os retornos excedentes em curto prazo enquanto a base teórica da sustentabilidade está ancorada no longo prazo (Belloque, Romaro & Belloque, 2010). Nesta questão, o capitalismo participativo, influenciado pelos milhões de acionistas ativistas, e que vem se tornando uma

tendência, tem ajudado a evidenciar os índices do progresso social e ambiental (Monteiro, 2006).

Monteiro (2006) relata que os índices apresentados pelas importantes bolsas de valores de Nova York, FTSE de Londres e Bovespa do Brasil, de empresas que são menos poluidoras, mais preocupadas com o meio ambiente e mais éticas, tem apresentado um desempenho superior ao das 500 mais cotadas por agências de avaliação de riscos, para surpresa de economistas e analistas financeiros. Segundo Macedo, Barbosa, Callegari, Monzoni, & Simonetti, (2012), para os investidores, a sustentabilidade representa uma oportunidade, já que o mercado de Investimento Sustentável e Responsável (ISR) segue uma trajetória de expansão comprovando a demanda por empresas cujas atividades possam se sustentar no longo prazo, com ganhos ambientais, sociais e econômicos.

Na visão das empresas, participar de iniciativas voluntárias em sustentabilidade resulta em ganhos intangíveis, como reputação e compartilhamento de experiências no meio empresarial, e, tangíveis, considerando valor de mercado, relação entre desempenho financeiro ou reações do mercado financeiro a empresas “mais sustentáveis” (Macedo *et al.*, 2012).

Lameira, Ness, Quelhas e Pereira (2013), analisou 205 empresas brasileiras de capital aberto no período de 2005 a 2009, justifica a afirmação de Macedo *et al.* (2012), pois permite estabelecer uma conexão entre as melhores ações de sustentabilidade e as organizações com melhor desempenho, menores riscos e mais altos valores. Entretanto, os autores afirmam que os melhores desempenhos não se devem apenas às práticas sustentáveis, pois estas de modo isolado não geram bons resultados, elas devem estar ancoradas em boas práticas de gestão.

Em outra abordagem, mais alinhada o objetivo deste artigo, existem estudos como o de Andrade, Bressan, Iquiapazza e Moreira (2013) e Nunes, Teixeira, Nossa e Galdi (2010), que buscaram identificar as variáveis que levam as empresas de capital aberto a aderirem a índices como ISE, relacionando fatores como valor de mercado e desempenho das empresas como possíveis influenciadores nessa adesão. O primeiro considerou indicadores que permitiram verificar que a listagem das empresas analisadas pode ter sido determinada pelo tamanho ou nível de impacto inerente ao setor de atividade em que atuam. No estudo de Nunes *et al.* (2010), também foi encontrada relação estatisticamente significativa entre

tamanho da empresa e setor de atuação com a adesão ao ISE. Branco e Lourenço (2013) ao analisarem as empresas de capital aberto brasileiras quanto ao desempenho em sustentabilidade encontraram relação positiva entre a presença do ISE e tamanho, rentabilidade, alavancagem, concentração acionária e status de listagem internacional.

2.2 Internacionalização das empresas brasileiras

A internacionalização apresenta-se como uma opção para o alcance de um desempenho cada vez melhor. A inserção das empresas no mercado global, permite que as mesmas apresentem seus produtos, tecnologias e métodos de gestão as demais partes interessadas. Ao investir capital em países desenvolvidos, as companhias obtêm ganhos consideráveis no que diz respeito a experiência, habilidades diversas e conhecimento tecnológico (Silva, 2005).

Nesse contexto, Alimadadi, Bengston e Hadjikhani (2017) destacam que a internacionalização perpassa por decisões racionais e econômicas, com o objetivo de adquirir vantagem competitiva. Desta forma, faz-se necessário o equilíbrio entre os benefícios e ônus criados pela incorporação de diferentes culturas e adaptações para uma gestão mais eficiente e eficaz internacionalmente (Souza, Passos & Portugal, 2017).

A inserção em diversos mercados favorece a ampliação dos mercados locais, em que a concorrência com empresas transnacionais impulsionará a busca por tecnologias capazes de igualar a competitividade existente entre elas, haja vista, que as transnacionais detêm 65% do comércio exterior, 80% das inovações e 90% do total investido mundialmente (Stal, 2010).

De acordo com Costa e Figueira (2017), o processo de internacionalização é constituído por três etapas: (i) o desconhecimento a respeito de problemas na transnacionalidade que impacta negativamente no desempenho da firma; (ii) considera-se no segundo momento que o conhecimento adquirido sobre a transnacionalidade contribui para o aumento do desempenho até o terceiro estágio; (iii) a queda no desempenho da empresa é justificado pela complexidade da gestão de suas operações em territórios internacionais. Neste cenário, o risco e a incerteza são reduzidos a medida em que a empresa adquire experiência de atuação no exterior.

Vários estudos têm demonstrado a importância da temática internacionalização no contexto empresarial, conforme apresentado na Quadro 1.

Quadro 1.
Estudos realizados sobre empresas internacionalizadas.

TEMA	OBJETIVO	CONCLUSÕES	AUTORES/ANO
Exportação de bens industriais para a Europa: caso das grandes empresas de Taiwan	Explicar se a decisão de uma empresa em exportar ou não exportar, diversificando seu mix de marketing, afetam seus resultados.	Os "exportadores" tendem a ter mais funcionários e a estar no negócio por um período mais curto do que os "não exportadores". Empresas exportadora preferem adotar uma abordagem personalizada para o desenvolvimento de empresas europeias e preferem exportar para países com imagem positiva e grande abrangência no mercado.	Tseng e Yu (1991)
Gestão da inovação tecnológica para o desenvolvimento sustentável em empresas internacionalizadas	Verificar como as práticas de gestão da inovação tecnológica com responsabilidade socioambiental influenciam no processo de internacionalização de empresas brasileiras.	O processo de internacionalização das atividades busca um contínuo desenvolvimento de produtos com tecnologia inovadora comprometida com a sustentabilidade. As certificações obtidas por essas empresas garantem a credibilidade institucional necessária à inserção internacional e à competitividade de companhias.	Gomes, Kruglianskas, Júnior & Scherer (2009)
Um exame da relação entre o nível de internacionalização e a comunicação ambiental nas grandes empresas brasileiras de capital aberto	Verificar a existência de diferenças na comunicação ambiental associadas ao grau de internacionalização das grandes empresas brasileiras de capital aberto.	Os resultados alcançados pela pesquisa, sugerem a existência de alguma relação entre o nível de internacionalização e a comunicação ambiental nas grandes empresas brasileiras de capital aberto.	Masullo e Lemme (2009)
Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas.	Verificar como as incubadoras tecnológicas brasileiras contribuem para a internacionalização das empresas incubadas.	Os resultados da pesquisa apontam para uma relação positiva entre a incubação e a internacionalização das empresas incubadas.	Engelman e Fracasso (2013)
Influência da internacionalização das empresas brasileiras na criação de valor.	Analisar a relação entre o nível de internacionalização das empresas brasileiras com a	Os resultados da pesquisa, indicam que quanto maior o índice de internacionalização das empresas brasileiras, maior a criação de valor para o acionista.	Petry, Brizolla, Azevedo, Herculano & Hein (2014)

TEMA	OBJETIVO	CONCLUSÕES	AUTORES/ANO
	criação de valor para seus acionistas.		
O impacto do câmbio das ações das empresas brasileiras internacionalizadas.	Analisar estatisticamente o impacto das variações cambiais nos retornos das ações das principais empresas brasileiras internacionalizadas.	Os resultados apontam para a não existência de correlação nas 28 empresas analisadas, entre retorno das ações das empresas internacionalizadas e nas taxas de câmbio, evidenciando que possivelmente, outras variáveis causam impacto necessário no retorno dessas ações.	Bonfim, Padovani e Duque (2015)

Fonte: Adaptado de Souza, P. V. S., Lima Passos, D., & Portugal, G. T. (2017). Fatores relacionados à internacionalização das companhias brasileiras de capital aberto. Revista de Administração da Unimep, 15(1), 155-180.

Conforme apresentado na Figura 1, percebe-se que dentre as temáticas abordadas nas pesquisas relacionadas com a internacionalização, a sustentabilidade não aparece como possível fator influenciador da entrada das companhias nos mercados globais.

Em decorrência da inserção das organizações nos mercados globais, surgem oportunidades que permitem às organizações inovarem nas suas propostas de valor, em que, a sustentabilidade empresarial, figura como diferencial competitivo frente o cenário internacional (Rosati & Faria, 2019).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender ao objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa de dados, sendo conduzida através de análise documental. A população da pesquisa compreendeu as companhias de capital aberto mais internacionalizadas do Brasil, de acordo com o *ranking* das multinacionais brasileiras disponibilizada pela Fundação Dom Cabral (FDC). Adotou-se uma série temporal de nove anos, compreendendo a coleta de dados com informações do período de 2010 a 2018. Desta forma, foram consideradas as empresas que possuíam listagem no *ranking* de internacionalização e que da mesma forma, possuíam ações no Brasil, Bolsa, Balcão (B3) totalizando 176 observações.

Evidencia-se o recorte temporal a partir de 2010, por ser o primeiro ano com dados disponíveis para coleta da variável dependente, ou seja, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), bem como, o ano inicial de harmonização total das *International Financial Reporting Standard* (IFRS) no Brasil.

A partir de então, tem um painel desbalanceado de dados. Para constituição da variável dependente a participação no índice de sustentabilidade empresarial- ISE, utilizou-se variável *dummy*, ou seja, 1 para as empresas que estavam listadas na carteira e 0 para as que não estavam, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2.
Mensuração da variável dependente.

Variável Dependente	Métrica	Fonte dos dados
Participação no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)	ISE= Participação na carteira ISE Variável <i>dummy</i> , para listagem das empresas na carteira ISE 1= Sim e Não= 0	Website da B3

Fonte: Elaborado pelos autores.

A variável explicativa de interesse da pesquisa, a internacionalização das empresas (IE), foi mensurada pelo *ranking* das multinacionais da Fundação Dom Cabral (FDC), onde utiliza-se metodologia específica para encontrar o nível de transnacionalidade das empresas, em que valores mais próximo de 1, indicam maior internacionalização e valores próximo a 0 indicam menor nível de internacionalização das empresas, conforme exposto na Figura 3.

Quadro 3.
Mensuração da variável explicativa índice de internacionalização (IE).

Variáveis Explicativas	Métrica	Fonte dos Dados
Índice de internacionalização de Empresas (IE)	IE= Índice de Internacionalização Ranking de 0 a 1 Valores próximos a 1 indicam maior grau de internacionalização e próximos a 0 indicam menor grau de internacionalização	Fundação Dom Cabral (FDC)

Fonte: Elaborado pelos autores.

As variáveis denominadas como variáveis de controle, ou seja, que também podem influenciar no desempenho do ISE, presentes na literatura, consideradas na regressão como

independentes foram: Tamanho, Lucro por Ação, Ebitda, Roa, e Setor, conforme evidenciado na Quadro 4.

Quadro 4.
Mensuração das variáveis de controle.

VARIÁVEIS DE CONTROLE	MÉTRICA	FONTE DOS DADOS
Tamanho (TAM)	$TAM = \ln AT$ Logaritmo natural do valor contábil dos ativos totais da empresa	Banco de dados Economatica®
Lucro por Ação (LPA)	Lucro por Ação	Banco de dados Economatica®
EBITDA	$EBITDA = \ln EBT$ Logaritmo natural do total de geração de caixa do exercício	Banco de dados Economatica®
Rentabilidade sobre os Ativos (ROA)	$ROA = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Banco de dados Economatica®

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ressalta-se que os dados das variáveis de controle, foram coletados através da plataforma de dados Economatica®. Na sequência, as empresas também foram segregadas conforme o setor de atuação, propondo evidenciar se algum setor em específico tem maior influência na participação do índice de sustentabilidade empresarial. Conforme apresenta Andrade *et al.*, (2013), empresas pertencentes a setores ambientalmente sensíveis e poluidores em potencial, possuem alta evidenciação de informações socioambientais. Assim sendo, a participação das empresas no ISE, contribui na credibilidade da companhia frente as questões de responsabilidade ambiental no meio corporativo, justificando a abordagem do setor como fator determinante da participação no ISE.

Após a coleta de dados, realizou-se as análises. Inicialmente, ocorreu uma análise descritiva das principais variáveis de interesse da pesquisa e, posteriormente, a regressão logística, visando atender ao objetivo proposto pela pesquisa.

Conforme destacam Fávero e Belfiore (2017), a regressão logística “[...] é uma técnica estatística utilizada para descrever o comportamento entre uma variável dependente binária e variáveis independentes métricas ou não métricas”. Ainda segundo os autores, a regressão logística destina-se a investigar o efeito das variáveis pelo qual o objeto de pesquisa está exposto sobre a probabilidade de ocorrência ou não de determinado acontecimento.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção será evidenciada a análise dos dados bem como uma discussão acerca dos resultados encontrados. Para tanto, apresentam-se os resultados provenientes da regressão logística que possibilita verificar a influência da internacionalização para a adesão de empresas à carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial-ISE.

A Tabela 1 corresponde à tabela de classificação posterior a análise, e atua como uma referência para verificar a eficácia do modelo quando ele passa a operar com as variáveis independentes, objetivando, no caso, predizer a que grupo pertence certa empresa. Espera-se que a porcentagem correta se eleve após a inserção das variáveis independentes.

Tabela 1.

Classificação anterior à análise da regressão que verifica a influência de determinantes de desempenho na adesão a carteira ISE.

Tabela de Classificação					
Observado			Previsto		
			ISE_Dummy		Porcentagem correta
			Não	Sim	
Step 0	ISE	Não	48	12	68,6
		Sim	22	94	88,7
Porcentagem global					80,7

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 1 evidencia-se como seriam classificadas as empresas caso no modelo se predominasse a situação em que se enquadra a maior parte dos casos observados. Desta forma, como a amostra está composta por 12 empresas não participantes do ISE e 94 participantes. Percebe-se que o modelo classificaria corretamente as empresas que de fato estão na carteira ISE, mas incorretamente as que não estão listadas e, dessa forma, o percentual geral de acerto nas classificações seria de 80,7%.

Apresenta-se na Tabela 2, o modelo quando são incorporadas as variáveis independentes. O objetivo do teste Wald é verificar se as variáveis explicativas podem ser utilizadas como estimador de probabilidades, ou seja, o intuito é testar se a hipótese nula de que um determinado coeficiente não é significativamente diferente de zero (Corrar, Paulo & Filho, 2014).

Desta forma percebe-se que apenas a variável índice de internacionalização apresenta significância. Ou seja, essa variável exerce efeito sobre a probabilidade de as empresas aderirem à carteira ISE de sustentabilidade, a um nível de significância de 0,1.

Tabela 2.

Variáveis independentes na regressão logística da influência no desempenho para adesão à carteira ISE de sustentabilidade.

Variáveis da equação					
Variáveis	B	S.E.	Wald	df	Sig.
IE	4,152	2,048	4,111	1	0,043*
ROA	2,342	5,557	0,178	1	0,673
TAM	0,000	0,000	0,058	1	0,810
EBITDA	0,000	0,000	0,761	1	0,383
LPA	-0,257	0,200	1,654	1	0,198
Constante	0,210	0,764	0,075	1	0,784

*valores significativos ao nível de 5%.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados apontam que quanto maior for a internacionalização da empresa, maior será a probabilidade de ela adentrar na carteira de sustentabilidade ISE, conforme observa-se na Tabela 1. A relação entre a internacionalização e o ISE mostrou-se significativa e positiva, indicando que a internacionalização pode ser considerado fator determinante para que as empresas possuam listagem na carteira ISE.

Os achados, demonstram que empresas de grande porte e consideradas transnacionais, tornam-se mais propensas a adesão de práticas sustentáveis, que atrelam o social, econômico e ambiental, favorecendo sua adesão a carteira ISE de sustentabilidade empresarial, da bolsa de valores de São Paulo (Nunes *et al.*, 2010).

Ressalta-se, que a adesão a melhores práticas de sustentabilidade, pode ser uma ação voluntária ou imperativa, por meio de regulamentações e legislações. Contudo, tais ações beneficiam as organizações no que tange a sua valorização no mercado, bem como, vantagem competitiva diante de seus concorrentes (Borges, Rosa & Ensslin, 2010).

Embora, muitas vezes as empresas com nível de internacionalização mais elevado, ficam sujeitas as regulamentações dos países em que atuam. Países em que a legislação ambiental pode ser mais branda, o que pode tornar um mercado atraente para empresas

que não possuem bons desempenhos socioambientais, por outro lado, leis locais podem acarretar empecilhos no momento da exportação e importação de produtos (Hrdlicka & Kruglianskas, 2010).

Corroborando aos resultados, Nunes *et al.* 2010, evidenciam que a adesão a listagem ISE, é também embasa pela teoria dos *stakeholders*, ao afirmar que as grandes empresas, consideradas internacionalizadas, são impactadas pelas partes interessadas na sua atuação.

Verifica-se que das variáveis utilizadas no presente estudo, a rentabilidade dos ativos (ROA), tamanho da empresa (TAM) e Ebitda, apresentam relação positiva frente a probabilidade de adesão a carteira ISE das empresas analisadas, porém, não apresentam significância, por outro lado, a variável lucro por ação (LPA), demonstrou relação negativa com a variável dependente listagem na carteira ISE, não sendo estatisticamente significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar se a internacionalização das empresas se apresenta como fator determinante para a adesão ao índice de sustentabilidade empresarial das companhias abertas brasileiras.

Para analisar os dados obtidos, utilizaram-se dois conjuntos de dados, uma listagem das empresas com participação na carteira do índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e as empresas com maior índice de transnacionalidade, indicador criado pela Fundação Dom Cabral. Para as informações de caráter financeiro, foi utilizada a base de dados Economatica®.

Por meio dos resultados encontrados, verifica-se que quanto maior o nível de internacionalização das organizações, maior será a probabilidade de que esta esteja listada na carteira ISE, indicador utilizado para evidenciar as empresas mais sustentáveis listadas na bolsa de valores brasileira.

As empresas transnacionais, ao aderirem a práticas sustentáveis, podem distinguir-se das demais, incrementando sua força tecnológica e inovadora, bem como, sua competitividade frente ao mercado global. Neste cenário, os *stakeholders* tanto nacionais, quanto internacionais, possuem papel fundamental no que tange sua relação com o

desempenho econômico, ambiental e social das organizações, corroborando a internacionalização.

Ao divulgar informações acerca das ações e práticas ambientais executadas, as empresas aprimoram sua reputação no mercado de capitais, a medida em que informações transparentes atendem as expectativas dos *stakeholders*. Indicadores ambientais, poderão fornecer panoramas sobre riscos e desempenho financeiro das empresas.

Com as rápidas mudanças do ambiente e as crescentes exigências de proteção ambiental, as empresas necessitam desenvolver sua capacidade de práticas sustentáveis. Permanecendo assim, lucrativas a fim de atender as premissas de seus acionistas, que permeiam pelo retorno do capital investido nas companhias.

A sustentabilidade empresarial, possibilita potencializar demandas ambientais, bem como, programas de sustentabilidade, criando assim um melhor desempenho em negócios internacionais e a capacidade de promover vantagem competitiva.

Considerando o mercado em que as empresas estão inseridas, sugere-se que outros meios de certificações ambientais sejam propostos, haja vista, que o aumento da competitividade e a constância do período, possam dirimir o diferencial das organizações vistas como sustentáveis.

Como limitações do estudo, verifica-se a indisponibilidade de informações das empresas em todos os anos de estudo, o que diminui a quantidade de empresas pertencentes a pesquisa. Dadas as limitações, abre-se espaço para pesquisas futuras utilizando-se novas modelagens e mensurações de tais variáveis. Portanto, dada a relevância da temática e de suas consequências, verifica-se a necessidade de expansão das discussões nessa área. Para futuros trabalhos, sugere-se incrementar as discussões com a ampliação do período abordado, bem como, a utilização de variáveis de mercado que captem a relação da internacionalização com a adesão ao índice de sustentabilidade empresarial, bem como, a relação com os diversos *stakeholders*.

REFERÊNCIAS

Alimadadi, S., Bengtson, A., & Hadjikhani, A. (2018). How does uncertainty impact opportunity development in internationalization? *International Business Review*, 27(1), 161-172. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2017.06.002>.

- Andrade, L. P., Bressan, A. A., Iquiapaza, R. A., & de Melo Moreira, B. C. (2013). Determinantes de adesão ao Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&FBOVESPA e sua relação com o valor da empresa. *Revista Brasileira de Finanças*, 11(2), 181-213.
- Belloque, M. C. M.; Romaro, P.; Belloque, G. G. BM&F BOVESPA (2019). Recuperado em: http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/produtos/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise.htm . Acesso em: 10 jul. 2019.
- Bonfim, M. P., Padovani, F., & Duque, A. P. O. (2015). O Impacto do Câmbio nas Ações das Empresas Brasileiras Internacionalizadas. *Pensar Contábil*, 17(62).
- Borges, A. D., Rosa, F. D., & Ensslin, S. R. (2010). Evidenciação voluntária das práticas ambientais: um estudo nas grandes empresas brasileiras de papel e celulose. *Produção On Line*, 20(3), 404-417.
- Castro, L. A. (2017). Análise de diferenças de desempenho entre empresas participantes e não participantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&FBOVESPA. *Revista Ciências Administrativas*, 23(1), 128-155.
- Cuervo-Cazurra, A. (2012). Extending theory by analyzing developing country multinational companies: Solving the Goldilocks debate. *Global Strategy Journal*, 2(3), 153-167.
- DOI: <https://doi.org/10.1111/j.2042-5805.2012.01039>.
- Elkington, J. (2001). *Canibais com garfo e faca* (p. 444). São Paulo: Makron Books.
- Chen, P. H., Ong, C. F., & Hsu, S. C. (2016). The linkages between internationalization and environmental strategies of multinational construction firms. *Journal of cleaner production*, 116, 207-216. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.12.105>.

Contractor, F. J., Kundu, S. K., & Hsu, C. C. (2003). A three-stage theory of international expansion: The link between multinationality and performance in the service sector. *Journal of international business studies*, 34(1), 5-18.

Costa, L. P. D. S., & Figueira, A. C. R. (2017). Risco político e internacionalização de empresas: uma revisão bibliográfica. *Cadernos EBAPE. BR*, 15(1), 63-87. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395156933>.

Cruz, C. O.; Gaspar, P.; Brito, J. D. (2019). On the concept of sustainable sustainability: An application to the Portuguese construction sector. *Journal of Building Engineering*, p. 100836, 2019.

Engelman, R., & Fracasso, E. M. (2013). Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas. *Revista de Administração*, 48(1), 165-178. DOI: <https://doi.org/10.5700/rausp1080>.

Fávero, L. P., & Belfiore, P. (2017). *Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®*. Elsevier Brasil.

Gaur, A. S., & Kumar, V. (2009). International diversification, business group affiliation and firm performance: Empirical evidence from India. *British Journal of Management*, 20(2), 172-186.

Gomes, C. M., Kruglianskas, I., Júnior, F. H., & Scherer, F. L. (2009). Gestão da inovação tecnológica para o desenvolvimento sustentável em empresas internacionalizadas. *Gestão & Regionalidade*, 25(73), 35-47.

Gomes, L., & Ramaswamy, K. (1999). An empirical examination of the form of the relationship between multinationality and performance. *Journal of international business studies*, 30(1), 173-187.

Geringer, J. M., Beamish, P. W., & DaCosta, R. C. (1989). Diversification strategy and internationalization: Implications for MNE performance. *Strategic management journal*, 10(2), 109-119. DOI: <https://doi.org/10.1002/smj.4250100202>.

Guimarães, T. M., Peixoto, F. M., & Carvalho, L. (2017). Sustentabilidade empresarial e governança corporativa: uma análise da relação do ISE da BM&FBOVESPA com a Compensação dos Gestores de Empresas Brasileiras. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11(2), 134-149.

Hrdlicka, H. A., & Kruglianskas, I. (2010). Influência das práticas de gestão socioambiental na internacionalização de empresas brasileiras. *Gestão empresarial para a internacionalização das empresas brasileiras*. São Paulo: Editora Atlas, 1, 253-289.

Jain, N. K., Celo, S., & Kumar, V. (2019). Internationalization speed, resources and performance: Evidence from Indian software industry. *Journal of Business Research*, 95, 26-37. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.09.019>.

Lameira, V. J., Ness Jr, W. L., Quelhas, O. L. G., & Pereira, R. G. (2013). Sustainability, value, performance and risk in the Brazilian capital markets. *Review of Business Management*, 15(46), 76-90. DOI: <https://doi.org/10.7819/rbgn.v15i46.1302>.

Luo, X., & Zheng, Q. (2018). How firm internationalization is recognized by outsiders: The response of financial analysts. *Journal of Business Research*, 90, 87-106. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.04.030>.

Macedo, F., Barbosa, H., Callegari, I., Monzoni, M., & Simonetti, R. (2012). O Valor do ISE: principais estudos e a perspectiva dos investidores. São Paulo: BM&fbovespa.

Masullo, D. G., & Lemme, C. F. (2009). Um exame da relação entre o nível de internacionalização e a comunicação ambiental nas grandes empresas brasileiras de capital aberto. *REAd-Revista Eletrônica de Administração*, 15(3), 257-280.

Monteiro, H. A. R. (2006). *Mercado ético: a força do novo paradigma empresarial*. Editora Cultrix.

Nunes, J. G., Teixeira, A. J., Nossa, V., & Galdi, F. C. (2010). Análise das variáveis que influenciam a adesão das empresas ao índice BM&F Bovespa de sustentabilidade empresarial. *Revista Base (Administração E Contabilidade) da UNISINOS*, 7(4), 328-340.

Petry, J. F., Brizolla, M. M. B., de Azevedo Herculano, H., & Hein, N. (2014). Influência da internacionalização das empresas brasileiras na criação de valor. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 7(1), 158-180.

Ramamurti, R. (2012). What is really different about emerging market multinationals? *Global Strategy Journal*, 2(1), 41-47.

Rosati, F., & Faria, L. G. (2019). Addressing the SDGs in sustainability reports: The relationship with institutional factors. *Journal of cleaner production*, 215, 1312-1326. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.12.107>.

Ruigrok, W., & Wagner, H. (2003). Internationalization and performance: An organizational learning perspective. *Management International Review*, 43(1), 63-84.

Silva, J. R. (2005). A internacionalização das empresas portuguesas: a experiência brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, 45(SPE), 102-115. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902005000500008>.

Souza, P. V. S., Passos, D. L., & Portugal, G. T. (2017). Fatores relacionados à internacionalização das companhias brasileiras de capital aberto. *Revista de Administração da Unimep*, 15(1), 155-180.

Stal, E. (2010). Internacionalização de empresas brasileiras e o papel da inovação na construção de vantagens competitivas. *INMR-Innovation & Management Review*, 7(3), 120-149.

Tseng, J. Y., & Yu, C. M. J. (1991). Export of industrial goods to Europe: the case of large Taiwanese firms. *European Journal of Marketing*, 25(9), 51-63.